

DEPOIMENTO OMENE VERA À COMISSÃO DA VERDADE EM MINAS GERAIS

OMENE VERA: Essa é a história que o meu pai tem, e quando prenderam ele, eles pegaram o meu pai em Epitácio, levaram meu pai o dia inteiro nessa via sacra lá, e ali eles telefonavam muito, conversavam muito, porque eles queriam saber quem que era o Nestor Vera, e quem era o José Vera, porque meu pai é parecidíssimo com ele, eu mandei foto para o Magela, está no e-mail do Magela.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: O seu pai era o José Vera.

OMENE VERA: José Vera. E era parecidíssimo, olho também claro como o dele ...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Rosto mais...

OMENE VERA: Rosto a mesma coisa...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: (Trecho incompreensível)

OMENE VERA: Parecidíssimo. E eles tinham dúvidas em saber quem que era um, e quem que era o outro, porque meu pai também aprontava muito né, e eles, meu avô as vezes, a gente saía do sitio lá em Epitácio, não esse é o José Vera, o Nestor, cadê o Nestor? O Nestor sumiu, o Nestor mora em campinas, campinas com a família, Nestor sumiu, Nestor está foragido, e eles soltavam meu pai, e eles quando prenderam o Nestor, eles levaram meu pai para saber quem é quem para...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Pra fazer (trecho incompreensível)...

OMENE VERA: E a última vez que meu pai chegou em casa, (trecho incompreensível) que toda a família ficou sabendo agora eu não me lembro a data, que eles também não registra isso né, pessoal malandro, o que eles, eles rasgaram, queimaram muita coisa, muita coisa importante eles destruíram, diz que mandaram, alguém levou para a Itália muito documento nosso né, você sabia disso?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Não. (trecho incompreensível)

OMENE VERA: Na Itália tem muita coisa nossa lá, alguém que levava para a Itália.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Quando era exatamente esse sequestros, que não era nem, que ninguém, a pessoa não estava acompanhado por ninguém, alguma, alguma pessoa estava rua viu, mas...

OMENE VERA: (Trecho incompreensível) farmácia, parece que...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Isso era, é quando aconteceu esse tipo de caso, aí que eles não registravam mesmo...

OMENE VERA: Sujou...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Que foi sequestro.

OMENE VERA: Sujou...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Tá. Então isso era...

OMENE VERA: Então daí porque em 76, aí o meu pai falou, o meu pai chegou em casa e falou o seguinte, eles pegaram o Nestor, eles pegaram ele, porque as coisas que eu ouvi dentro da delegacia, eles estavam com ele preso. Agora meu pai achava que era em São Paulo, mas verdade era aqui...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Vamos fazer...

OMENE VERA: E aí o meu também, aí ele, depois disso o meu pai caiu né, ele ficou depois da, aí em setenta e...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Tem que tomar água...

OMENE VERA: (Trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Isso. Tem (trecho incompreensível)...

OMENE VERA: Aí meu deus do céu...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: (Trecho incompreensível)...

OMENE VERA: Água...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: (Trecho incompreensível).

OMENE VERA: (Trecho incompreensível) copo aqui Cida, privilegio que eu estou tomando nesse copo aqui.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: (Trecho incompreensível).

OMENE VERA: Viu, depois disso o pessoal lá em casa caiu sabe, a minha vó, a mãe dele morreu em 76, eu disse que ela só vivia chorando, a minha vó só chorava. Vó o que você tem, vó que você está chorando? Ah meu filho Nestor, o meu pai vivia com a foto do irmão dele, aqui do Nestor, entendeu? No bolso a vida inteira, esse Afonso Vera, está vivo ainda lá em (trecho incompreensível), que ele era dono, ele é

dono do sitio lá hoje, parte do sitio é dele, é da família dele. Ele tem a foto do Nestor, se você chega lá ele está com **azaimé**, meu tio com oitenta e poucos, você chega lá ele está procurando o Nestor, quem está aí, é o Nestor que chegou? Está procurando até hoje, a minha vó ficava sentadinha chorando, aí em 76 que ela morreu, aí em 77 o pai do Nestor, o meu avô morreu também, dali...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Você sabe a data que ela morreu? Se foi no início do ano ou no final?

OMENE VERA: Nossa Senhora. Depois eu passo para vocês, você depois me dá o e-mail, que eu tenho essa certidão lá de óbito deles tudo, tem lá da, (trecho incompreensível) todo mundo lá, tem comigo essa documentação (trecho incompreensível). Eu sei que o meu avô morreu em novembro de 77, o pai do meu pai. Aí foi o momento da turma ali, aí o meu pai desistropicou ali e falou olha ele morreu mesmo, e eles pegaram ele e matou [sic], e está em (trecho incompreensível), foi isso. Mas...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Pode ter sido uma dedução, inclusive dos diligentes do (trecho incompreensível) que sabiam, essa era a operação do que estava acontecendo, localizada em São Paulo, então pode ser que tenha sido uma dedução, (trecho incompreensível) gente, e na verdade não é só hoje temos outra coisa, por causa do depoimento do Claudio Guerra...

OMENE VERA: Isto.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Né, por isso que nós não achamos, e talvez se chegasse essa (trecho incompreensível) para gente antes do Claudia Guerra falar alguma coisa, a gente também acreditasse, era o mais provável, ele estava centrado em São Paulo, em operação da DARC para matar o pessoal, os diligente do PCB...

OMENE VERA: Isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Então isso era provável.

OMENE VERA: Mas foi por aí que eu acho, entendeu?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Não. O que foi, eu acho que foi em 75 mesmo. A grande questão é em saber o começo...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Tinha mais ou menos um ano, um ano, ou meses que (trecho incompreensível)...

OMENE VERA: Da mãe dele...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: (Trecho incompreensível).

OMENE VERA: Eu acho que demorou também aí, ela durou mais um tempo ainda, ela aguentou, daí um ano e pouco, ela morreu em 76, no meio do ano de 76. Aí no final de novembro de 77 o pai do meu pai faleceu também. Mas ela no sitio lá, que a gente era criança, a gente ia passar férias nesse sitio, chegava lá, ela sempre sentada na cadeira olhando para rodovia né, que a rodovia passava lá em baixo, ela ficava olhando ali, sempre chorando e sempre procurando esse filho, entendeu?

OMENE VERA: Sempre esperando.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Sempre esperando.

OMENE VERA: Até, você está gravando tudo aí...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Estou...

OMENE VERA: Então está. O Nestor Vera, (trecho incompreensível)...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Tá. (trecho incompreensível).

OMENE VERA: O Nestor Vera, o pai dele morava em Ribeirão Preto, o pai dele trabalhava em (trecho incompreensível), e lá ele teve quatro filhos em Ribeirão, o Nestor, o Emanuel, o Fernando e o meu pai José Vera, dali ele partiu com os filhos dele para aquela região da alta sorocabana, para ter uma terra e um dia, era, antigamente era isso que tinha pra as famílias ir para o campo, e produzir, e vender. Ele começou, foi para aquela região como arrendatário, com a família, com os filhos né, trabalhava ele, a esposa e os filhos na terra (trecho incompreensível). Depois de algum tempo, (trecho incompreensível), aí eles foram para aquela região da Alto Sorocabana ali por perto de Santo Anastácio, e Santo Anastácio era um polo agrícola muito grande, era Santo Anastácio, Presidente Bernardes, presidente

(trecho incompreensível) e Presidente Epitácio era o nome da madeireira. Chega aqui, senta aí (trecho incompreensível)...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Senta aí.

OMENE VERA: (Trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4: (Trecho incompreensível) mais tarde.

OMENE VERA: Eu também tenho um envelope para vocês aqui do prontuário dele, do (trecho incompreensível), eu tenho o discurso dele, eu tenho artigo de jornal, eu tenho TCC, eu tenho a monografia que um aluno de São Paulo fez, o Diogo (trecho incompreensível) professor de história, ele fez a monografia dele, Nestor Vera. E vai fazer o mestrado dele Nestor Vera, por orientação do professor lá de história Doutor Clifford Andrew Welch, que lançou o Livro 'A Semente plantada', você ouviu falar do Doutor (trecho incompreensível)?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Sim, (trecho incompreensível).

OMENE VERA: Hã?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Estou lendo ele...

OMENE VERA: A Semente plantada?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Ele escreve muita coisa sobre...

OMENE VERA: Isso. O Doutor Clifford que eu conversei com ele bastante vezes já, tive a oportunidade de ter conversado com ele, e trocar muitas ideias com ele, e ele me procurou o Doutor Clifford, que é um americano, mas é brasileiro ele, viu, ele não é americano, ele é brasileiro, ele procurou eu [sic] para saber a história do... ele falou todas as minhas situações para Nestor Vera, para saber dele né, eu falei: "Vamos conversar.", mas aí o Nestor Vera foi para Santo Anastásio ali, o meu avô comprou um sítio ali pequeno de aproximadamente de 19 alqueires, 18, 19 alqueires para pagar em três anos, ele comprou isso em trinta, em 1938 para 39 que ele comprou esse sítio, o Nestor Vera tem duas irmãs viva, tem uma irmã que chama Helena Vera, que mora em Dracena/ São Paulo, tem uma Irmã chamada Irene Vera, que mora em Ribeirão dos Índios São Paulo, tem um irmão que chama Afonso Vera, que mora lá em Piquerobi, que é o dono desse sítio onde o Nestor viveu, que eu

tenho fotos ali, e tem um irmão chamado Antônio Vera que mora em Presidente Epitácio. Eles estão vivos mas também já com idade avançada. Aí meu avô foi para aquele sitio em Santo Anastácio, comprou um sitio ali e com os filhos ele produzia é algodão, amendoim e tal, a média que os filhos, ele teve dez filhos, e todos trabalhavam ali dentro com ele, desses dez filhos são oito homens e duas filhas, duas moças, estão vivas até hoje as duas. E eles trabalhavam ali no sitio felizes e companhia, num sitio. Por parte da minha mãe João Martins Cavalheu, tinha um sitio na frente, também com dez filhos, e eles foram casando entre eles, são três casados ao todo, inclusive o Nestor Vera, ele casou se com uma irmã do irmão mais velho dele, são duas irmãs casada com dois irmãos, são cinco famílias que se juntaram, então aquelas famílias daquela região, Vera, Martins, Gimenez, Cavalheiro, Ortega, Ortega são nós [sic], perceberam aí, Chico Ortega, é essas famílias foram se juntando ali naquela região, e era muito grande aquelas famílias ali, e a região era muito forte, Santo Anastácio tinha a Anderson Cleiton, que era uma multinacional que comprava grãos, Santo Anastácio tinha a Indústria Reunida Francisco Matarazzo e tinha também a SANBRA, Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro que comprava, essas três serialistas fortes que comprava toda a produção deles ali. E quando um filho do meu avô ia casar, quando ele se casava, o meu avô dava um pedacinho do sitio para ele produzir, eles se uniam, construíam uma casa de madeira ali para cada um, o cara casava, o filho casava, dava o pedaço de terra para ele, e ele ia produzindo o seu sustento, isso acontecia com os filhos dele, ele dava a terra. O meu pai, por exemplo, casou e construiu a casa dele na beira do córrego que tem lá, teve sete filhos ali no sitio, e o meu pai e minha mãe cuidava da gente com a terrinha dele. O Nestor Vera casou com a mulher dele, pegou o pedaço de terra dele e construiu a casinha dele e foi lá com, e era um arado, arando a terra com cavalo puxando ali, e todos se reúnem, só que existe pessoas nessa vida que nasce, as vezes nasce uma pessoa que tem alguma coisa para a arte, nasce uma pessoa que tem o gênio para música, nasce uma pessoa que é bom na política, cada um tem um talento em especial, esse meu tio Nestor Vera, esse homem

nasceu para mobilizar pessoas. Esse homem nasceu para se indignar com as coisas, ele nasceu para fazer a diferença, ele não nasceu para ficar calado e ser mais um na multidão, esse cara, entendeu? Ele não nasceu para isso. E ele foi um homem, isso é, eu tenho assim uma admiração muito grande pela história dele, pela história do meu pai também que eram colegas, eles faziam as ações juntos ali, em Presidente Epitácio o meu pai agia muito. Ele foi um homem que lutou muito pela democracia e pela liberdade, e foi um homem que nunca conheceu a liberdade, esse cara tem uma história, a história desse homem aí é uma coisa impressionante...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4: (Trecho incompreensível).

OMENE VERA: É uma história, que é diferente a história dele, ele estudou de mais, eles desde novo, a família, essa família Vera, todos eles são inteligentes os irmãos, o meu pai era muito culto, do campo, mas muito culto, lia esses livros todos famosos aí, eles liam tudo, eles, todos eles eram ligados a música, Nestor Vera era professor de música em Santo Anastácio, o meu pai tocava instrumento, eu tenho um outro tio Braz Vera que é, Maestro Braz Vera em Epitácio, famoso de grupo musical, então um cara inteligente, um cara que a música está na veia deles. Eu tenho um irmão Emanuel Vera, o meu irmão mais velho, ele tocava, ele tocou violão com a **Helena Berreira**, sabe aquela violeira famosa que ganhou [sic], vileira Sul Mato-grossense famosa que morreu [sic], que fazia show na Europa, ganhou a palheta do (trecho incompreensível) na revista lá, ela ganhou, meu irmão, ela gostava muito de tocar junto com o meu irmão, meu irmão tem uma habilidade para tocar violão, e ela gostava muito de tocar com ele, então uns caras sensível desses [sic], com essa cultura, com isso não era um terrorista, não era um comunista para serem eliminados como é, como foi tratado, então ele foi um homem que lutou pela liberdade e pela democracia, e foi um homem que nunca conheceu a liberdade e nunca conheceu a democracia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: E você sabe como ele...

OMENE VERA: Começou?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Mudou para o partido comunista?

OMENE VERA: Exatamente. Quando ele começou a plantar e produzir, ir na Anderson Cleiton, ir na indústria reunida Francisco Matarazao ou na SANBRA para vender os produtos, trabalhavam de sol a sol, chegando lá entregava os produtos, e eles pagavam aqui que eles achavam que deveria pagar, ele entregava feijão a cem mil reis, cem mil, é cem reis o quilo e nas prateleiras dos mercados, esse quilo do feijão, estava sendo vendido por mil reis, e ele falava da diferença muito grande, eu vendo por cem, e vou na prateleira comprar por mil reis, e ele começou a se indignar com isso. Não é justo eu trabalhar que nem um animal lá no campo, e depois essas multinacionais aí, e antes não sei o que, não sei o que, paga o que quer para mim, ele começou a se indignar, ele começou a mobilizar, ele começou primeiramente com associativismo, e é aí que eu gosto da coisa, o associativismo e do cooperativismo, ele começou, gente, se reunia aos domingos, lá na sede da casa dele ali, onde o meu avô materno, aos domingos para que? Para cortar cabelo, eles cortava cabelo ali, quando alguém casava eles se juntava e construía a casa, eles faziam os moveis, faziam a cama, que eles eram marceneiros (trecho incompreensível) fabricavam instrumentos musical, tem um violino que, eu não sei se tem foto no meu pen drive, que eles fabricavam, meu avô fabricava, meu avô tocava violino, e era professor de música, e eles se reunião, construía a casa e fazia tudo, e fazia a coisa funcionar. Depois ele começou a fazer o seguinte, reunir os colegas vizinhos, os pequenos produtores vizinhos e falou, vamos diversificar, porque se nós formos lá nos armazéns, todo mundo entregando amendoim lá, eles vão pagar o que querem, e então você planta amendoim, você planta algodão, você planta milho, e vamos diversificar, começou a diversificar, aí começou a incomodar, começou a incomodar os grandes, aí ele começou mais ainda, agora eu vou para São Paulo, eu vou pegar o dinheiro de vocês, quantos sacos de semente de amendoim você quer, quantos sacos de semente de milho você quer, e você quer, e me dá o dinheiro que eu vou para São Paulo comprar no atacado lá, mais barato, sem intermediário aqui, nós pagamos muito caro a semente e as coisas, eu vou para São Paulo comprar, e vinha no trem com o dinheiro, ele ia para São Paulo, mas ele

não ia com o dinheiro dos outros para gastar não, a mulher dele fazia a marmita dele comer dentro do trem, era coisa, se ele pegasse cinquenta centavos da pessoa, ele não gastava o dinheiro dos outros, a...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4: Ele chegou a ser tesoureiro né, da (trecho incompreensível)...

OMENE VERA: Isso. Ele, a minha tia Helena Vera, eu liguei para ela lá em Iracema, (trecho incompreensível) um dia, ela falou coitado dele, ele ia para São Paulo com a marmita que a minha, que a mulher dele preparava, que ela chamava Rosário, a mulher dele, depois ele mudou com ela. Ela ia com a marmita, e na volta a mulher dele falava você comeu toda aquela marmita, você se alimentou, ele falou não, dentro do trem tinha um homem com uma criança doente, e eu dei a marmita para ele comer, eu não comi, entendeu? O cara que faz isso não é bandido para ser torturado, sequestrado, e torturado e morto por um inconsequente desse delegado Claudio Guerra, e está falando, ele escreveu um livro e está falando só somente aquilo que interessa para ele, ele fala do homicídio, parece que ele fala com gosto que ele matou, porque que ele não fala que ele sequestrou, que ele torturou, que são crimes que não prescreve, que ele ia está preso hoje, entendeu? Ele só está falando aquilo que interessa para ele, e o que dói é de ver um cara que nem esse passar o que ele passou, na mão de uns inconsequentes que nem esse (trecho incompreensível), então ele começava ir para São Paulo as vezes sem comer dentro do trem, porque as vezes ele dava a marmita dele, e ele começou a incomodar, porque ele começou a peitar aqueles armazém, aquelas distribuidoras multinacional que comprava deles, eles se negavam a entregar produtos, e ele teve a infelicidade ainda, o delegado de polícia de Santo Anastácio na época, isso eu estou falando de mil novecentos e, o Nestor Vera casou em 38, ele casou em julho de 38, em setembro de 39, ele teve o primeiro filho, Nestor Vera filho, que ele pôs o nome, aí depois mudou para Ernesto Martins, em 39 ele teve o primeiro filho, em 41 ele teve a segunda filha, em 43 ele teve o terceiro filho, em 45 ele teve o quarto filho, e em 47 ele teve a última filha, de dois ou em três anos ele fazia um filho, ele viajava, ele

militava, ele rodava, mas a mulher dele, ela apoiava as atitudes dele, tudo que ele fazia ela apoiava, e o delegado de Santo Anastácio, era um delegado chamado Rock (trecho incompreensível), (trecho incompreensível) era famoso por torturar comunista, ele não gostava disso. Um cara que reivindicava um preço melhor para os seus produtos era considerado comunista, e o delegado Rock (trecho incompreensível) ainda dizia que o povo brasileiro, ele dizia isso, dizia que o povo brasileiro não precisava de democracia não, esse povo brasileiro precisa é de chicote no lombo, esse delegado, isso tem registro do que ele falou. Então você imagina a infelicidade que o Nestor teve de enfrentar um delegado tão casca grossa e linha dura como era esse (trecho incompreensível) de Santo Anastácio, e o Doutor Guerra, o Doutor João da Silva Guerra que era um médico famoso em Presidente Bernardes, que foi do partido comunista, eu não sei se vocês ouviram falar, Doutor João Guerra, que era um médico em Presidente Bernardes, que foi, que era vereador em Presidente Bernardes e levou, que meu tio era vereador em Santo Anastácio, e foi ele que ingressou o meu tio no partido comunista...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4: (Trecho incompreensível) 45/46 (trecho incompreensível)

OMENE VERA: Isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4: Vereador, aí depois ele (trecho incompreensível) cassação...

OMENE VERA: Isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4: É vereador em Santo Anastácio.

OMENE VERA: Em Santo Anastácio. E o Doutor Guerra...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Pera aí. (trecho incompreensível), a câmera funciona por trinta minutos e ela cai, ela tem que descansar um pouquinho, porque ela está muito cansada, então quando ela despedi vai ser isso, aí nós vamos parar um pouquinho e voltar...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: (Trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Mas ainda não chegou não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Nós estamos em 22 minutos, daqui oito minutos aí, é questão de segundos, é só para...

OMENE VERA: (Trecho incompreensível) .

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Tá bom.

OMENE VERA: Aí o Doutor Guerra que era um médico em Presidente Bernardes muito famoso, muito idolatrado ali na região, comunista, comunista, o que eu fui consultar com ele, eu quando era guri lá em Epitácio, eu tinha um problema no, eu tinha uma lesão no meu nariz, quebrei meu nariz e depois fui lá fazer uma consulta com ele, e ele falou: “Mas você é um Vera, olha o partido comunista, você já ouviu falar em uma planta chamada Caniço?”, eu falei: “Não.”, ele falou: “Caniço é uma planta que quando a enxurrada passa, ela cai e parece que morreu, mas depois que a enxurrada passa e que vem o sol ela cresce de novo, e o partido comunista, esses comunistas são igual Caniço, você pensa que ele morreu, mas não morreu não, isso não tem jeito.”, né, e ele me falou isso, isso é uma coisa bacana de se ouvir, a mesma coisa que o Neris falou que meu tio, que era a última frase que meu tio disse para ele aqui, falou para o Neris aqui o seguinte: “Neris, camaraca, ou, camarada....”

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Companheiro.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: “... o nosso futuro vai ser que nem esse sol.”

NERIS: Ele falou.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Ele falou isso para você, né, “Esse céu azul, esse céu será o nosso futuro.”, então os caras que tinha umas frases dessas não são qualquer um né, para ser torturado e morto. Ele entrou para o Partido Comunista e foi eleito vereador, ele largou a terra dele só vivia preso, esse delegado já começou a prender ele o tempo todo, as lavouras dele ficava lá abandonada, crescia mato, não colhia quase nada, porque ele já começou... o delegado prender ele pelas ações dele de associativismo e cooperativismo. Ele começou a ser preso nessa época, dali mudou para Santo Anastácio com a família, fundou a Cooperativa dos Trabalhadores de Nova Lagoa de Santo Anastácio, com muitos e muitos

associados ele fundou essa cooperativa, junto com um monte de gente ali com os amigos dele, ele fundou essa cooperativa em Santo Anastácio, o delegado falou: “Isso não é uma cooperativa, isso vocês são (trecho incompreensível) de comunistas.”, ele falava: “Não, isso é uma cooperativa.” Aí em 1949 ele não cumpriu o mandato dele de vereador?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Ah não?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Não cumpriu, porque a polícia no deixava ele ir nas reuniões, ele foi perdeu o mandato de vereador por falta. Por que como é que ele ia na sessão da Câmara?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Então ele já era clandestino?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Já era. Ele com cinco filhos pequenos ele já era clandestino, olha você imagina o que esses filhos dele passaram nessa vida, você entendeu? Por isso que as filhas dele não querem saber dessa história, não falam sobre isso, por causa do sofrimento que não adianta remoer isso tudo, pra mim estar aqui falando sobre isso, eu não precisava sobre isso, podia estar na minha casa hoje tranquilo lá, com a minha família, com a minha mulher, com os meus três filhos, mas não, isso a gente tem que esclarecer esses fatos hoje, ele já começou a ser preso ali não cumpriu o mandato dele de vereador lá, a cooperativa dele fizeram uma Assembleia Geral na cooperativa com muitos e muitos associados em um clube lá de Santo Anastácio, o Delegado Roque falou: “Vocês não vão fazer essa assembleia da cooperativa, que isso é reunião do Partido Comunista.”, ele falou: “Não, é assembleia.”, e o delegado falou: “Eu vou fechar essa assembleia.”. E veio gente, ônibus, caminhão, carroça, cavalo para essa cooperativa lá em Santo Anastácio em 48 e o delegado, eles fazendo a assembleia comporam [sic] a mesa para a assembleia dessa cooperativa, o delegado Roque com os policiais dele entraram, mandando bala em direção a mesa, no meio da multidão e aquilo foi um entrevero lá, um barulho danado e resultado, saiu gente lesionada com tiro de raspão de um lado e um cabo da PM morreu nesse confronto. Nisso aí pegou algum tempo, ele consegui foragir ele e a mesa ali, todo mundo foragiu e ele foi

responsabilizado por isso, e aí foi embora para Ourinhos, São Paulo, lá em Ourinhos ele começou a militar também junto com algum companheiro lá, com companheiros ali, ali começou a militar na cidade de Ourinhos São Paulo, e tem registro dele com colegas dele que moram em São Paulo,

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Ele foi sozinho ou ele levou a família?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Levou a família. E lá ele montou... e nesse prontuário que eu vou entregar para vocês, tem ele preso também em Ourinhos, foi preso em Ourinhos e confiscaram lá todos só moveis dele, já pensou prender um pai de família e levar os moveis da casa dele junto? Ele faz fazendo [sic] um requerimento para o delegado solicitando os moveis dele, ele não arredava o pé, ele não...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Ele não entregava os pontos.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Ele não entregava os pontos. Era impressionante. E de Ourinhos ele foi embora para Campinas, e de Campinas ele nunca deixou de militar, a esposa apanhava ele e ele viajava esse Brasil, conheceu o mundo, era jornalista, escreveu diversos jornais, a **Rádio Moscou**, quando pegava clandestino no Brasil, em português, ele avisava quando ia falar na radio em Moscow no Brasil e tudo mundo ali: "Ah ele vai falar.", a gente escutava no rádio, o pessoal ouvia "Oh eu ouvi.", e tal, ele fazia o papel dele a polícia toda vida atrás dele. Aí nós fomos para Presidente Epitácio, meu pai, largou a terra e foi para Presidente Epitácio em 1960, meu pai tem sete filhos e ali meu pai começou a trabalhar e ajudar o irmão dele o Nestor Vera, meu pai também fazia as ações ali dele, e sobre aquele fato que eu já falei que... vamos deixar para lá, né...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Você é quem sabe, você pode falar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: E daí meu pai também por várias vezes foi preso, minha mãe também, as portas eram fechadas para a gente trabalhar, a gente sabe como era difícil você ser filho de comunista, arrumar emprego em escritório, em banco, nos órgãos públicos, mas ninguém queria filho de comunista perto, e nem queria aliar a sua empresa, a sua marca, as sua alguma coisa com

comunistas trabalhando lá dentro. Então só sobrava para nós, os sete filhos, meu pai tem seis filhos e uma filha, né, só sobrava para nos o sub emprego né, mas eu falei: “Sub emprego, tem limite um dia, né.”, aí cada um seguia o seu caminho com meus filhos ali... do meus irmãos, né, e meu pai dignamente criou os filhos dele ali, e depois surgiu....